

O QUE PODEM AS TRADUÇÕES PELA LITERATURA BRASILEIRA?

WHAT CAN TRANSLATIONS DO FOR BRAZILIAN LITERATURE?



Marta Pragma DANTAS*
Universidade Federal da Paraíba

Resumo: tendo como ponto de partida os estudos sobre a circulação transnacional da literatura, pretende-se, neste artigo, desenvolver uma reflexão sobre a literatura brasileira no exterior. Mais precisamente, toma-se como foco o contexto francês, problematizando-se alguns obstáculos à circulação da literatura brasileira. O artigo baseia-se em entrevistas realizadas no âmbito de uma pesquisa de pós-doutorado, bem como em depoimentos de atores do mercado editorial, elegendo duas questões centrais como possíveis obstáculos. A primeira diz respeito aos estereótipos relacionados ao Brasil, e a segunda refere-se ao reconhecimento da literatura brasileira no espaço nacional como condição para sua legitimação no exterior. Como já observado em estudos recentes, a maior parte das obras brasileiras atualmente traduzidas são ficções de autores contemporâneos em plena atividade, alguns dos quais recém-ingressos no sistema literário nacional. O processo que resulta na seleção do autor e da obra a ser traduzida supõe uma cadeia de atores, um dos principais, no caso da literatura brasileira, sendo o agente literário, além do editor (tanto no Brasil quanto no exterior), do tradutor, das instituições oficiais (a exemplo da Fundação Biblioteca Nacional por meio de seus editais de apoio às traduções), entre outros. No que diz respeito aos processos de legitimação, uma vez traduzidas, essas obras encontram dificuldade em atravessar a barreira da invisibilidade e conquistar um reconhecimento internacional. Afinal, não basta ser traduzido; é preciso ser vendido, lido, comentado, enfim, “reescrito” (Lefevre). Os dois obstáculos explorados neste artigo esclarecem alguns aspectos desse processo, ainda que não esgotem a questão.

Palavras-chave: Literatura brasileira. Tradução. Intermediários. Obstáculos.

Abstract: Having the studies on the circulation of transnational literature as a starting point, this paper intends to develop a reflection on the Brazilian literature abroad. More precisely, the French context is taken into account, problematizing some obstacles concerned to the circulation of Brazilian literature. The article is based on interviews carried out in the context of some postdoctoral research, as well as on agents' statements in the publishing market, electing two central issues as possible obstacles. The first one concerns the stereotypes related to Brazil, and the second one refers to the recognition of Brazilian literature in the national field as a condition for its legitimation abroad. As already seen in recent studies, most of the Brazilian works currently translated are fiction by contemporary authors in full activity, some of whom having recently entered the national literary system. The process that results in the selection of the author and the work to be translated supposes a chain of actors. One of the main ones, in the case of Brazilian literature, is the literary agent, besides the editor (both in Brazil and abroad), the translator, the official institutions (as the “Fundação Biblioteca Nacional” through its edicts to support translations), among others. When it comes to the legitimation processes, once these works have been translated, they find it difficult to cross the invisibility barrier and to gain international recognition. After all, it is not enough to be translated; it is necessary to be sold, read, commented, that is to say, “re-written” (Lefevre). The two obstacles explored in this article clarify some aspects of this process, although they do not exhaust the question.

Key words: Brazilian literature. Translation. Intermediaries. Obstacles.

No âmbito deste artigo, serão apresentados alguns elementos extraídos de pesquisa por nós realizada¹ sobre o espaço ocupado pela literatura brasileira no exterior, tomando como caso específico a França. O objetivo da pesquisa consistiu em identificar a posição da literatura brasileira, posição aqui entendida no sentido sociológico (Bourdieu) do termo, ou seja, como lugar ocupado que resulta de lutas e concorrências pela legitimação e reconhecimento em um determinado espaço social (campo).

Um dos desdobramentos dessa questão central da pesquisa diz respeito à identificação dos obstáculos à circulação internacional da literatura brasileira. Ainda que intuíssemos algumas respostas devido a nossa experiência sobre o tema², era imprescindível contrapor as informações de que dispúnhamos com o ponto de vista dos intermediários que atuam como atores na circulação da literatura brasileira no espaço francês, e explorar alguns aspectos que tinham sido, a nosso ver, deixados de lado ou pouco explorados em levantamentos ou análises anteriores.

Foram feitas uma série de entrevistas com editores (6), tradutores (7), agentes literários (2) e professores universitários (4), a quase totalidade atuando no contexto francês e uma pequena parcela ligada ao Brasil. Além dessas entrevistas, tivemos a ocasião de presenciar e documentar algumas intervenções durante o Salão do Livro de Paris, ocorrido em 2015, ano em que o Brasil esteve em evidência como país homenageado no evento. Entre elas, a do diretor do Livro, Leitura e Literatura do Ministério da Cultura, Jefferson Assunção, e a intervenção de Jean Sarzana, que, além de escritor, dirigiu durante 12 anos o Sindicato Nacional da Edição na França. Também entrevistamos o então Presidente da Fundação Biblioteca Nacional, Renato Lessa³.

Entre os temas explorados nessas entrevistas, trataremos aqui especificamente de dois, ambos relacionados aos obstáculos à circulação da literatura brasileira no exterior. Uma questão diz respeito aos clichês sobre o Brasil (até que ponto eles constituem um obstáculo), e outra ao peso (ou fragilidade) da literatura brasileira dentro do próprio sistema literário brasileiro como obstáculo a sua circulação internacional. Se a primeira questão está associada a ambos os contextos da obra em tradução – brasileiro e francês –, o segundo ponto levantado está relacionado fundamentalmente à configuração do espaço literário de origem, ou seja, o brasileiro.

Os clichês como obstáculo

Em sua obra *Escândalos da tradução* (2002), no capítulo sobre “A formação de identidades culturais”, Lawrence Venuti discute o papel da tradução nos processos de construção, questionamento e revisão do cânone que determinada comunidade doméstica impõe a respeito da literatura estrangeira. O autor afirma que

os projetos tradutórios podem produzir uma mudança na representação doméstica de uma cultura estrangeira, não somente quando revisam os cânones das comunidades culturais mais influentes, mas também quando uma outra comunidade numa situação social diferente produz as traduções e se manifesta sobre elas. (VENUTI, 2002, p. 141).

Assim, quanto mais traduções houver de determinada literatura, quanto mais variados forem os autores e as editoras associadas nesses projetos de tradução – representando diferentes posições no campo cultural de chegada –, mais diversificadas serão as representações culturais domésticas sobre essa cultura estrangeira traduzida, favorecendo a transformação dos clichês sobre esta última. Portanto, variedade e quantidade: ao mesmo tempo dos títulos e dos autores traduzidos, mas também dos atores editoriais e literários do campo de recepção implicados.

Um levantamento das obras brasileiras traduzidas ao longo dos últimos quinze anos (2000 a 2015) na França, por nós realizado, mostrou que:

- Houve um aumento do fluxo das traduções, que se fez acompanhar de uma diversificação do número de autores e títulos traduzidos, resultado em grande parte de iniciativas como a da Fundação Biblioteca Nacional, e de ações do governo brasileiro negociando a participação do país como homenageado em eventos internacionais do livro (entre outros, Feira de Frankfurt, Bolonha e Guadalajara, Salão do Livro de Paris). A diplomacia adotada pelo governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2002-2010) despertou o interesse da comunidade internacional, pondo o país “na moda”⁴.
- A escolha dos editores oferece uma imagem literária do Brasil bastante diversificada em termos de temas, títulos, gerações de autores e opções estéticas, favorecendo a desconstrução de clichês sobre a cultura brasileira (exotismo, sensualidade, leveza, religiosidade e violência).

DANTAS. *O que podem as traduções pela literatura brasileira?*
Belas Infieis, v. 6, n. 2, p. 11-20, 2017.

Se, por um lado, é possível afirmar que estamos avançando no sentido de uma maior difusão da literatura brasileira no exterior, por outro, não há muita razão para comemorar, pois o reconhecimento continua faltando. Com efeito, o que percebemos ao longo da pesquisa é que a literatura brasileira permanece praticamente invisível na República Mundial das Letras. Pois não basta a obra ser publicada; é preciso, como afirma Bourdieu (1989-1990), que o processo social de produção de sentido, atribuição de valor e reconhecimento seja instituído. E, para tanto, é necessário que existam intermediários que garantam a existência literária/estética da obra, fundamentalmente críticos, acadêmicos, leitores especializados e legitimados, com o poder de legitimar e consagrar. No caso da tradução, é importante que esse processo ocorra também no campo de chegada, com a obra tendo alguma repercussão junto às instituições que estruturam e garantem o funcionamento do sistema literário. Nesse sentido, já em 2008 Márcia Martins apontava, a propósito das traduções da literatura brasileira para o inglês, que “a presença dos livros e autores brasileiros no cenário internacional está aumentando, embora mais em termos de diversidade do que propriamente de volume de vendas” (MARTINS, 2008, p. 41).

14

Essa questão foi abordada por um dos entrevistados, Leonardo Tonus⁵, Professor livre-docente da Universidade Paris-Sorbonne e curador (pela parte francesa) do Salão do Livro de Paris de 2015. Referindo-se ao contexto de recepção das obras brasileiras na França, ele afirma:

O que eu vejo é que há um desconhecimento do Brasil atual, recente. Falta mediador que possa dialogar entre o que está sendo produzido no Brasil e o que pode ser interessante para as editoras francesas. Esse mediador existe no caso de outros países: a *médiathèque*, o *Institut français*... Existem mediadores em vários outros países. O Brasil parte do princípio de que basta ter um autor e mandar o autor, e já é suficiente. Esse mediador é importante. O público nem sabe o que é o Brasil, ele nem sabe, quando chega numa livraria, o que pode comprar. Vi isso também no salão do livro deste ano [2015]. Estava lá o grande *stand* da Fnac, lindo, os livros empilhados, mas ninguém para aconselhar. Vi muita gente sem saber o que podia comprar. O editor desconhece essa literatura, o público também, ou seja, há um problema que precisa ser resolvido. (TONUS, 2015).

E acrescenta:

O Brasil tem uma política de tradução, mas não tem uma verdadeira política de exportação do livro. (TONUS, 2015).

Nesse contexto, o livro brasileiro traduzido na França cairia em uma espécie de vácuo, ficando de fora do circuito de circulação e apropriação enquanto bem simbólico. Mais do que

o volume de traduções, o problema maior seria o descompasso entre o que o editor publica e o que o leitor potencial da literatura brasileira estaria buscando. Se, como afirmamos, há hoje uma maior heterogeneidade de autores brasileiros lançados no mercado francês⁶, ela não parece corresponder às expectativas de parte dos intermediários e do leitor em geral potencialmente interessado em obras brasileiras. Nesse sentido, pensamos que merece reflexão a hipótese de que essas expectativas estão direcionadas para obras que reafirmam determinadas imagens do Brasil, imagens em grande parte associadas aos clichês acima mencionados.

Para explorar essa questão, uma das perguntas feitas aos entrevistados foi a seguinte: “Você acha que os estereótipos sobre o Brasil (país do samba, do futebol, do Carnaval, da leveza...) podem constituir um obstáculo à circulação da literatura brasileira na França? Ou seja, até que ponto as expectativas dos leitores estariam direcionadas para uma determinada imagem fixa do Brasil, em descompasso com a literatura que tem sido traduzida?”.

A quase totalidade dos entrevistados respondeu afirmativamente a essa pergunta, ainda que não tenham percebido como sendo este o maior dos obstáculos⁷. O descompasso entre a literatura contemporânea e as imagens fixas sobre o Brasil literário foi ilustrado ainda por Leonardo Tonus nos seguintes termos:

Uma editora me procurou antes do salão do livro pra pedir indicação de um livro para traduzir. Sugeriu *Diário da queda*, de Michel Laub – a questão do nazismo, Auschwitz etc. A editora disse: Ah, mas Auschwitz? Brasil? Isso não se vende. Isso não é Brasil. E eu perguntei: o que é Brasil? (TONUS, 2015).

A resposta da agente literária Nicole Witt⁸, da conceituada Literary Agency Mertin, na Alemanha, é no mesmo sentido, ainda que menos categórica:

Pode ser que isto tenha uma certa influência, que ainda alguns leitores possam esperar um mundo mais exótico, rural, do Nordeste, quando a literatura atual é contemporânea, urbana... Claro que alguns leitores podem ficar desiludidos com isso, então alguns editores, antecipando isso, optam por outros projetos. (WITT, 2015).

O papel da mídia no processo de reprodução e ratificação dos estereótipos não deve ser negligenciado, tanto mais que, no caso da literatura, os espaços para a crítica especializada estão cada vez mais reduzidos, e aqueles ainda existentes (no contexto francês) não demonstram interesse pelo Brasil como país literário. Nesse sentido, é bastante ilustrativa a cobertura que o site de uma revista semanal de grande repercussão na França, o *Nouvel observateur*, deu ao Brasil por ocasião do Salão do Livro de Paris de 2015. Como país

DANTAS. *O que podem as traduções pela literatura brasileira?* *Belas Infieis*, v. 6, n. 2, p. 11-20, 2017.

convidado de honra do salão, a mídia abriu um espaço, normalmente inexistente, para tratar da literatura brasileira e, de forma geral, sobre a sociedade brasileira contemporânea. Assim, a propósito de um evento literário, a revista francesa coloca, em 09/12/2014, a ilustração abaixo para anunciar a lista dos autores selecionados para participar do Salão do Livro.

Figura 1 - Página oficial da revista francesa *Le Nouvel observateur*, 09/11/2014.



16

Fonte: *O Globo*, 10/12/2014. Disponível em: <<http://www.livrosepessoas.com/tag/revista/page/2/>>.

A repercussão foi tão negativa, que em menos de 24 horas a foto foi editada, excluindo-se o cenário de praia e as moças, permanecendo apenas a bandeira do Brasil, E assim está até hoje, para quem fizer pesquisa no site.

Para a editora e tradutora especializada em literatura brasileira Paula Salnot, da Éditions Anacaona,

[é] justamente contra esse tipo de preconceito que eu batalho todo dia aqui, com minha editora especializada no Brasil. Na cabeça do francês, o Brasil não é um país literário. Por mais que você tente, por mais dinheiro você gaste, parece que os franceses não querem deixar de lado esse estereótipo. (*apud* TORRES, 2014).

Exemplos de clichês como esse são frequentes e poderíamos estender-nos ainda sobre o assunto. Mas o fato que queremos sublinhar é que a difusão no exterior de uma imagem mais diversificada sobre a cultura brasileira contribuiria, sem dúvida, para transformar tais clichês. E para tanto, as traduções, como dito anteriormente, possuem uma função estratégica, mas desde que sejam conhecidas e reconhecidas no sistema literário que as acolhe.

Outra pergunta feita aos entrevistados pedia para eles se posicionarem em relação à avaliação de uma agente literária brasileira, Luciana Villas-Boas, para quem o principal obstáculo ao reconhecimento da literatura brasileira no exterior seria a sua falta de popularidade ou consagração no Brasil. Ou seja, nas palavras da agente literária, com 20 anos de trabalho como editora, “[se] o Brasil quer que sua ficção seja reconhecida [no exterior], o escritor brasileiro precisa urgentemente reocupar o seu espaço na livraria” (VILLAS-BOAS, 2014). Villas-Boas toca aqui numa questão crucial relativa à existência de uma obra como objeto simbólico: a necessidade de ser socialmente instituída. Segundo Bourdieu (1989-1990), isso passa pelos editores, críticos, academias e demais instâncias de legitimação e consagração, a quem cabe a produção de sentido e de valor da obra.

Ora, uma produção literária que vem sendo há mais de duas décadas sistematicamente alijada pelos editores nacionais em prol da ficção estrangeira traduzida, ofuscada nas livrarias e, por derradeiro, apartada do público (“o divórcio entre literatura nacional e sociedade é uma vergonha para o Brasil”, afirma Villas-Boas), bem, essa literatura deixa de atender a uma condição básica para ter acesso ao espaço literário internacional, qual seja, a consagração pelos leitores do sistema literário de origem.

Para Gisèle Sapiro, diante da concorrência exacerbada entre as línguas minoritárias, a legitimidade de uma literatura pesa na decisão do editor francês. Afirma ela: “há, de fato, concorrência entre as línguas e a arbitragem implica levar em conta a legitimidade da literatura em questão.” (SAPIRO, 2012, p. 212).

Outra agente literária brasileira, Marianna Teixeira Soares (da agência MTS)⁹, também com mais de dez anos de experiência em casas editoriais e agora representando escritores da nova geração em início de carreira, possui opinião semelhante. Segundo ela,

[há] poucas editoras que estão interessadas [na literatura brasileira]; nem as editoras brasileiras..., elas publicam muito a ficção estrangeira... Estima-se, eu não sei, que 70% dos catálogos das grandes casas editoriais no Brasil publicam literaturas de língua inglesa. [...] Acho que ainda é preciso muito investimento dos editores brasileiros pra fazer a literatura brasileira chegar aos leitores brasileiros. (SOARES, 2015).

E ela acrescenta:

Eu continuo acreditando que a gente tem bons livros e boa literatura para pegar um livro e fazer esse livro acontecer se um editor apostar, apostar assim..., como acontece de uma editora apostar não sei quantos mil dólares no adiantamento de um livro estrangeiro. E o livro não acontece aqui, não acontece nada e não vende,

DANTAS. *O que podem as traduções pela literatura brasileira?*
Belas Infêis, v. 6, n. 2, p. 11-20, 2017.

ninguém quer ler, não tem resenha... E o editor não deixa de publicar o autor por causa disso, entendeu? O que acontece é que o editor tem uma relação com o autor brasileiro um pouco diferente. [...] Os editores teriam de ter suas apostas – dois, três livros em que eles apostassem pesado, entendeu? É porque eu acho que o editor é muito conservador ainda. (SOARES, 2015).

18 Essa “relação um pouco diferente” – eufemismo usado para caracterizar a ausência de interesse e de investimento por parte dos editores brasileiros na produção nacional – passaria pela falta de ousadia, de aposta, ou seja, por um conservadorismo, como afirma Soares, desses intermediários. Isso ecoa outra afirmação de Villas-Boas, quando se refere ao aumento considerável do número de leitores decorrente da ascensão social sem precedente ocorrida no Brasil durante os treze anos de governo dos presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, redistribuição de renda que foi, segundo essa agente literária, responsável pelo reaquecimento do mercado editorial, quando autores como Dan Brown, J.K. Rowling e Suzanne Collins venderam milhões de exemplares no Brasil. E Villas-Boas, de forma taxativa, conclui: “[s]ó não foi convidado para a festa o escritor brasileiro. Nem de longe se beneficiou da nova conjuntura do mercado mais simpática ao livro. [...] O editor se esquecera de por que não publicava literatura brasileira e não via por que mudar de atitude”. (VILLAS-BOAS, 2014).

Evidentemente não temos a intenção de generalizar o ponto de vista das três agentes literárias como sendo a opinião dos diferentes atores do sistema literário nacional. Essa visão guarda um vínculo indissociável com a posição que elas ocupam nesse mesmo sistema, ainda que possa vir a ser endossada por outros atores (como escritores, críticos e tradutores). Mas os editores brasileiros terão sem dúvida outra opinião mais nuançada sobre a questão. Contudo, considerando que o agente literário está inserido em uma encruzilhada do sistema, atuando na interface dos interesses do escritor junto ao editor e ao público, contribuindo para a construção da figura social do escritor e do valor simbólico de sua obra, pensamos que a opinião dessas três agentes literárias levanta um aspecto bastante relevante e que merece ser mais explorado e debatido no âmbito da discussão sobre a propalada internacionalização da literatura brasileira.

Para concluir

Em um mercado editorial que vem, há décadas, mostrando-se sisudo em relação aos próprios autores “da casa”, e reservando a melhor acolhida, os maiores afagos para os que vêm de fora, o que um jovem representante de uma literatura pujante, diversa e que já deu

provas de autonomia estética, ou seja, o que um escritor em início de carreira no Brasil pode fazer para não ser condenado a abandonar a profissão? Ainda que saltando uma etapa geralmente necessária da trajetória que leva ao reconhecimento, por que não, a ocasião se apresentando, tentar conquistar espaço no exterior? Será que a tradução nessas circunstâncias compromete, já de partida, sua função consagrada de um autor da periferia no centro? De acordo com os princípios que governam o espaço literário internacional onde circulam as obras, diríamos que sim...

Mas no momento, talvez a pergunta a ser feita não seja bem essa, se a literatura brasileira será ou não alçada a uma posição de reconhecimento internacional. Na verdade, talvez seja mais pertinente refletir sob outro ângulo: o papel que essas traduções, como que num efeito bumerangue, poderão ter de volta no reconhecimento e na produção do valor da literatura brasileira no cenário doméstico. Pois, independentemente de uma consagração internacional, o próprio ato de traduzir envolve uma escolha editorial e, portanto, um primeiro reconhecimento, num processo de transmissão de capital simbólico muito bem descrito por Pascale Casanova (1999).

Nesse sentido, o título deste artigo soaria melhor se assim complementado: O que podem as traduções pela literatura brasileira... no Brasil?

19

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. El campo literário. Prerrequisitos críticos y principio de método. In: **Criterios**, La Habana, nº 25-28, janeiro 1989-dezembro 1990, p. 20-42. Disponível em: <www.criterios.es/pdf/bourdieuCampo.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2016.

CASANOVA, Pascale. **La république mondiale des lettres**. Paris: Seuil, 1999.

MARTINS, Márcia A. P. O papel da patronagem na difusão da literatura brasileira: o programa de apoio à tradução da Biblioteca Nacional. In: GUERINI, Andreia; TORRES, Marie-Hélène; COSTA, Walter C. (Org.). **Literatura traduzida e literatura nacional**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008, p. 39-52.

SAPIRO, Gisèle. Globalization and cultural diversity in the book market: The case of the literary translations in the US and France. In: **Poetics**, nº 38, 2010, p. 419-439. Disponível em: <<https://goo.gl/CQ4Gur>>. Acesso em: 12 mar 2016.

SAPIRO, Gisèle. Gérer la diversité : les obstacles à l'importation des littératures étrangères en France. In: SAPIRO, G. (Org.), **Traduire la littérature et les sciences humaines. Conditions et obstacles**. Paris: Ministère de la Culture et de la Communication/DEPS, 2012, p. 201-230.

SOARES, Marianna Teixeira. Entrevista via Skype concedida a Marta Pragana Dantas. Rio de Janeiro/Paris, 10 jun 2015.

TONUS, Leonardo. Entrevista concedida a Marta Pragana Dantas. Paris, 26 jun. 2015.

TORRES, Bolívar. Uma das revistas mais importantes da França, “Le nouvel observateur” falou sobre os escritores convidados ao Salão do Livro de Paris. In: **O Globo**, 10 dez. 2014. Disponível em: <www.livrosepessoas.com/tag/revista/page/2/>. Acesso em: 26 jun. 2015.

VENUTI, Lawrence. The Formation of Cultural Identities. In: VENUTI, L. **The Scandals of Translation**. London: Routledge, 1998, p. 67-87.

VILLAS-BOAS, Luciana. Para quem escreve o autor local? In: **Folha de São Paulo**, 23/02/2014, p. 1-7. Disponível em: <<https://goo.gl/M6jW2K>>. Acesso em: 24 abr.2016.

WITT, Nicole. Entrevista concedida (via Skype) a Marta Pragana Dantas. Paris-Frankfurt, 22 out. 2015.

RECEBIDO EM: 07 de julho de 2017

ACEITO EM: 05 de agosto de 2017

PUBLICADO EM: dezembro de 2017

20

* Marta Pragana DANTAS. Professora Associada do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas e do Programa da Pós-Graduação em Letras da UFPB. Doutora em Literatura e Civilização Francesa (1998) pela Universidade Sorbonne Nouvelle, França. Mestre em Letras (1994) e Licenciada em Vernáculo e Francês (1984) pela Universidade Federal de Pernambuco. Pós-doutorado (sociologia da tradução) no Centre Européen de Sociologie et Science Politique (CESSP) da École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), França. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1657607242731892> E-mail: praganamarta@yahoo.fr

¹ Pesquisa de pós-doutorado realizada de dezembro/2014 a dezembro/2015 com bolsa do CNPq.

² Fruto de pesquisa anteriormente realizada sobre os obstáculos à circulação das obras francesas no Brasil, que deu origem às seguintes publicações: *Le reclassement d'une tradition: la traduction du français dans le marché éditorial brésilien* (em coautoria com Artur Perrusi), in Gisèle Sapiro (Org.). *Traduire la littérature et les sciences humaines: conditions et obstacles*. Paris: Ministère de la Culture et de la Communication / DEPS, 2012 ; Tradução, trocas literárias e (a)d(i)versidade editorial, *Traduzires*, UnB, 2012; Tradução, trocas literárias e estratégias editoriais: a importação do romance francês contemporâneo no Brasil, in A. Faleiros; A Zavaglia; A Mouzat (Orgs.), *A Tradução de obras francesas no Brasil*. São Paulo: Annablume, 2011; Le flux des traductions de la littérature française au Brésil. Enjeux politiques et économiques (1984-2002), in: Gisèle Sapiro (Org.). *Les contradictions de la globalisation éditoriale*. Paris: Nouveau Monde éditions, 2009, p. 315-333.

³ Convém lembrar que em 2011 a Fundação Biblioteca Nacional reestruturou o Programa de Apoio à Tradução e à Publicação de Autores Brasileiros no Exterior, que vem desde então funcionando de forma ininterrupta por meio de editais.

⁴ Conforme expressão utilizada por vários entrevistados, que acrescentaram que em 2015 a moda tinha passado e o interesse pelo país estava diminuindo, com reflexos sobre o fluxo das traduções.

⁵ Entrevista realizada em 26/06/2015.

⁶ A França é, hoje, um dos países que mais traduzem no mundo e o que apresenta a maior diversidade de línguas traduzidas; entre 35 e 40% do que se publica anualmente em ficção são traduções. (SAPIRO, 2010, p. 428).

⁷ Os principais obstáculos mencionados pelos entrevistados foram: o predomínio da ficção de língua inglesa no mercado editorial francês (e mundial); a concorrência exacerbada entre as literaturas traduzidas na França; o baixo interesse pela língua portuguesa (ou seja, a condição periférica da língua); a hegemonia linguística do inglês; a ausência de uma política de difusão da cultura/literatura brasileira no exterior com a criação, por exemplo, de um instituto cultural (à semelhança do Instituto Camões, do Goethe, da Aliança Francesa entre outros).

⁸ Entrevista realizada em 22/10/2015.

⁹ Entrevista realizada em 10/06/2015.